



## ***Mutirão Ciranda, construindo Agroecologia para além das salas de aula***

Isabela Fabiana da Silva Ladeira<sup>1</sup>  
Olivia Beatriz Moraes Dias de Aguiar<sup>2</sup>  
Amana Redivo Fares<sup>3</sup>  
Diogo Faria Machado<sup>4</sup>  
Lucas Reis Bittencourt<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Agronomia, Universidade Federal de Viçosa. isabela.ladeira@ufv.br

<sup>2</sup> Graduanda em Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa.

oliviabeatriz@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa.

amana.fares@ufv.br

<sup>4</sup> Graduando em Engenharia Agrícola e Ambiental, Universidade Federal de Viçosa.

diogofariamacado@yahoo.com.br

<sup>5</sup> Graduando em Geografia, Universidade Federal de Viçosa. lucasreisb@gmail.com

### **RESUMO**

Com origem nos movimentos alternativos da década 1980, o Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica (GAO), o Grupo Apêti de Agrofloresta e o Saúde Integral e Permacultura (Sauipe), cada um com suas especificidades, dão continuidade aos questionamentos do modelo agrícola hegemônico e se reconhecem como atores na construção do movimento agroecológico e na construção da educação agroecológica na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Para articular esses três grupos, estudantes, professores e técnicos da UFV e da região da Zona da Mata mineira constituíram o *Mutirão Ciranda*, composto de representantes desses diversos grupos estudantis, que tem como objetivo potencializar ações já existentes e criar novas demandas para fortalecer a formação e a divulgação da Agroecologia em todo o *campus* e também no município de Viçosa e região. Assim, diversas atividades conjuntas vêm sendo realizadas desde a criação desse grupo de articulação, com a proposta de expandi-la no âmbito nacional a partir da Rede dos Grupos de Agroecologia do Brasil (Rega-Brasil)

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Agroecologia; Movimento estudantil; Articulação em rede.

### **Introdução**



Nos anos 1980, auge da Revolução Verde no Brasil, muitos estudantes já questionavam os impactos ambientais e sociais que a agricultura mecanizada trazia consigo. Foi nesse contexto que, em Viçosa (MG), surgiu o grupo Alfa, atualmente refletido no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). O grupo tinha como intuito discutir formas ecológicas de produção agrícola, por meio da busca de diversidade e equilíbrio ambiental. Nessa mesma época, surge também o Grupo de Agricultura Alternativa de Viçosa (Gaav) dentro da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em 1978, que, por muito tempo, articulou as iniciativas em torno da promoção de uma agricultura mais democrática e sustentável.

Dando continuidade a tais iniciativas, já na década de 1990, o Grupo de Agricultura Orgânica (GAO) reúne estudantes e realiza suas primeiras atividades, alimentadas pela busca do conhecimento a partir de experiências vivenciadas fora das salas de aula. Seguido pelo Grupo Apêti de Agrossilvicultura e Sistemas Agroflorestais, que, em 1995, se dedica a analisar os sistemas produtivos como uma unidade fundamental de estudo, tendo como orientadores professores dos departamentos de Engenharia Florestal, Fitotecnia e Solos. Mais recentemente, há cerca de 7 anos, surge o grupo Saúde Integral em Permacultura (Sauipe), com trabalhos voltados ao planejamento de ambientes humanos saudáveis em Viçosa e região.

Nem a Agroecologia nem a permacultura se tornaram parte, do currículo dos estudantes, sendo compreendidas somente fora das salas de aula, nos espaços proporcionados pelos grupos, que buscam atrair novos sujeitos, de um aprender fazer e de um repensar o papel dos estudantes universitários enquanto sujeitos transformadores.

Cada grupo, com suas especificidades, se reconhece como ator na construção do movimento agroecológico na UFV. Para articular esses três grupos, estudantes, professores e técnicos constituíram o *Mutirão Ciranda*. Os envolvidos nessa construção são convergentes na constatação de que a Agroecologia integra princípios agrônômicos, ecológicos, socioeconômicos, políticos e culturais, fornecendo a base para a transição de sistemas convencionais para modelos mais sustentáveis de agricultura (ALTIERI, 1989).

O nome dessa articulação foi assim determinado porque *Mutirão* é um termo de origem tupi caracterizado pelo trabalho coletivo em benefício mútuo. Portanto, o *Mutirão*



*Ciranda* é uma articulação que envolve estudantes, professores, pesquisadores, técnicos e extensionistas na construção conjunta do conhecimento agroecológico. É *Ciranda* porque o dançar evoca a movimentação contínua, o que justifica as ações itinerantes realizadas para a consolidação da Agroecologia na UFV, no município de Viçosa e região.

### **As ações do *Mutirão Ciranda***

No momento, o *Mutirão Ciranda* tem se dedicado à construção de dois eventos mensais: as Quintas Agroecológicas e as Terças de Trocas. Além disso, outra atividade semanal é a distribuição de produtos agroecológicos e locais através da Rede Agroecológica de Prosumidores(as) Raízes da Mata.

A Quinta Agroecológica acontece uma vez por mês. É um espaço aberto para debates de temas relacionados à Agroecologia que sejam importantes para a formação e troca entre os membros da comunidade universitária, mas também não universitária, pois participam profissionais do CTA-ZM, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e da Empresa de Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Epamig) (Figura 1).

As feiras de trocas, denominadas de *Terça de Trocas*, acontecerem sempre na segunda terça-feira de cada mês, possibilitando que produtos usados, confeccionados ou cultivados pelos grupos agroecológicos (como produtos agrícolas *in natura* ou processados, artesanatos, cosméticos naturais, produtos de limpeza ecológicos, etc.) possam ganhar crédito e visibilidade. O exercício da economia solidária aponta os desafios quando se busca estabelecer outra forma de comercializar e consumir (Figura 2).

Já a Rede Raízes da Mata, surgida em 2011, tem o intuito de superar um dos maiores gargalos da agricultura agroecológica, que é a comercialização dos produtos fruto de uma produção diversificada e em pequena escala, que muitas vezes não consegue disputar com os produtos produzidos em extensos monocultivos para as grandes cadeias de mercado. A Rede objetiva estreitar a relação produtor-consumidor, passando a agregar novos valores aos produtos. Em 1 ano e 8 meses de funcionamento, a Rede Raízes da Mata obteve avanços bastante significativos, podendo ser percebidos através do aumento de produtos ofertados, produtores envolvidos, consumidores constantes e do número crescente de pedidos por semana. Além do benefício direto as famílias produtoras, a Rede



proporciona aos consumidores facilidade de acesso a produtos agroecológicos e locais a preços justos, beneficiando hoje, ao total, aproximadamente 500 pessoas.

Tais atividades contribuem para uma extensão e formação universitária diferenciada, tendo em vista que o conhecimento científico de posse do técnico formado na universidade não se estende às comunidades locais de interesse social. A proposta dessas atividades visa uma relação horizontal entre técnico universitário e agricultor e agricultora rural, com respeito mútuo aos conhecimentos adquiridos histórico, social e culturalmente.

Em âmbito nacional, o *Mutirão Ciranda* se propõe a construir, juntamente com outros grupos de Agroecologia de todo o território nacional, a Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (Rega-Brasil). A Rega surge em 2010 e vem ganhando forma desde então, possibilitando uma maior troca de experiências, mobilidade e articulação entre os grupos. O *Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia* (Enga) é o evento anual da Rega-Brasil e, em 2012, foi sediado em Viçosa, sob organização do *Mutirão Ciranda* (Figura 3).

### **Os sujeitos dessa construção**

O GAO é formado apenas por estudantes e possui orientação de alguns professores de áreas variadas, entre elas Educação, Solos e Arquitetura. O grupo tem por objetivo fomentar o estudo, promover a educação, gerar discussões e buscar soluções de baixo custo de modo a mudar o panorama encontrado no município de Viçosa e região com o trabalho de extensão. O foco do grupo no início de sua existência foi a agricultura orgânica, como forma, para além da substituição de insumos, de melhorar as condições do solo. Posteriormente, fortaleceu-se a concepção agroecológica buscando não somente tratar da adequação das técnicas agrícolas, mas também do desenvolvimento social, político e ambiental da agricultura. O estudo e a aplicação de tecnologias sociais, praticamente inexistentes em sala de aula, são desenvolvidos sempre com metodologias participativas incluindo não só os estudantes e professores, mas também agricultores familiares da região, sempre em busca da valorização do conhecimento tradicional juntamente com o conhecimento acadêmico. Acreditamos que toda contribuição é muito bem-vinda (seja ela de qualquer área do conhecimento acadêmico ou tradicional), constituindo, assim, um grupo interdisciplinar. Trabalhos com crianças e adolescentes, geralmente de escolas



públicas, são constantes e abordam, na maioria das vezes, a conscientização e a importância do cuidado com meio ambiente, as relações familiares e as especificidades de onde vivem. Nossas ações extensionistas se baseiam em metodologias pedagógicas participativas, em que todos os sujeitos do processo atuam de forma horizontal, objetivando sempre a inclusão social e a democratização do conhecimento.

O grupo possui uma área de aproximadamente 7.200 m<sup>2</sup>, que funciona como um laboratório experimental, denominada MataGAO, dentro do *campus* da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Nessa área, no passado, funcionou um codornário e, após este ter sido inutilizado, foi ocupada pelos estudantes através de uma ação de resistência estudantil, que agora possui registro da área para fins de experimentação agroecológica.

No MataGAO, acontecem diversas atividades ligadas ou com interface à temática agroecológica, entre elas a agricultura orgânica, a bioconstrução, a permacultura, o manejo de sistemas agroflorestais (SAFs), dentre outras atividades prático-teóricas. O grupo recebe na área agricultores/as e crianças de escolas públicas da cidade para atividades de educação ambiental, reciclagem do lixo, cultivo de plantas medicinais, compostagem, manejo de solos e água, enfim, diversos temas atuais e de alta relevância na formação educacional dessas pessoas. Aulas de disciplinas formais, como Manejo e Conservação dos Solos, também são ministradas na área, com a participação dos estudantes participantes do GAO. Entretanto, a atuação do GAO não se dá apenas na área do MataGAO. Além da contribuição em algumas disciplinas formais da UFV, os integrantes do grupo realizam visitas à comunidade local e regional, levando suas experiências a fim de somá-las e integrá-las às da comunidade. Também oferecem oficinas em encontros realizados em outras instituições.

Atualmente, o grupo encontra-se cheio de ideias para dar continuidade às suas atividades. Uma das principais atividades é a reconstrução da casa do MataGAO. Com a casa, objetiva criar uma referência física e fortalecer o Núcleo de Agroecologia, que vem ganhando forma dentro da UFV, onde todos os grupos e interessados/as possam desenvolver e divulgar trabalhos e ideias vinculados aos preceitos da Agroecologia sempre no sentido de fortalecer e dar visibilidade à educação integral.

Foram realizadas oficinas dentro do planejamento do projeto de bioconstrução da casa do MataGAO que objetivaram o levantamento das necessidades dos grupos, o



zoneamento da construção, a definição das técnicas que serão utilizadas (todas elas vindas da bioconstrução), a formulação de projeto arquitetônico e maquetes, tudo isso para encaminhar o projeto para aprovação da universidade, uma vez que o MataGAO é um patrimônio dos estudantes e do público em geral. Os planos caminham para que se comece a obra de fato ao final das chuvas de 2014 (abril-junho).

O Apêti é um grupo de trabalho, estudo e prática agroflorestal. Desenvolve trabalhos de construção, expansão, troca e difusão do conhecimento teórico e prático acerca dos sistemas agroflorestais. Surgiu a partir da reunião de estudantes de pós-graduação e de graduação através de projetos de pesquisa realizados sobre sistemas agroflorestais em 1995 na UFV.

O nome *Apêti* é uma referência à agricultura realizada pela etnia dos Kaiapós (Mebengokre), que sempre produziram alimentos, remédios, madeira e caça de forma equilibrada com o meio. Os Kaiapós possuíam um modelo de agricultura extremamente complexo, baseado nas relações entre os indivíduos com o sistema através do tempo. A partir de séculos de observação minuciosa dos fenômenos de regeneração da floresta, eram capazes de intervir na natureza de forma a se beneficiar sem causar o desequilíbrio do sistema como um todo. A complexidade desses sistemas criados pelos Mebengokre era tamanha que, em muitos casos, é difícil diferenciar uma floresta natural de uma floresta plantada por eles. Os Kaiapós chamavam de *Apêti* a fase clímax de consórcios de diversas espécies de interesse alimentar, medicinais e madeireiros cultivados em clareiras circulares na floresta.

Nesse contexto, os sistemas agroflorestais surgem como uma forma de resgate do uso sustentável da terra, tendo como pontos favoráveis: maior independência dos produtores em relação aos produtos agroquímicos; diversificação da produção e conseqüentemente maior soberania alimentar e menor risco econômico; aumento da qualidade do trabalho rural familiar, além de enorme potencial para recuperação de áreas exauridas e degradadas. A agrofloresta, sendo uma importante ferramenta da Agroecologia, concilia produção e preservação, além de permitir que os produtores rurais tomem posse do conhecimento, pois são eles os principais atores no processo de desenvolvimento desses sistemas. Trata-se de uma tecnologia que integra e auxilia a realidade rural com as urgentes



necessidades ambientais de nossa sociedade atual, representando, por essas razões, uma sólida possibilidade de transformação social e ambiental.

Em 2007, o grupo firmou parceria com o CTA-ZM, o qual cedeu uma área para estudos e práticas com sistemas agroflorestais. Atualmente, são realizados semanalmente mutirões práticos em quatro áreas de manejo diferenciadas, localizadas dentro do CTA-ZM. Os mutirões visam o aprendizado de técnicas agroflorestais, bem como a maior integração entre os integrantes do grupo e um maior contato deles com a terra. A maior aproximação com o CTA-ZM tem integrado o grupo com as atividades na Zona da Mata de Minas Gerais, possibilitando a realização de trabalhos de acompanhamento no plantio e manejo dos SAFs com agricultores familiares da região, nos municípios de Espera Feliz, Divino e Araponga.

O grupo realiza semanalmente uma reunião teórica em que são discutidos e estudados assuntos agroecológicos com ênfase em agroflorestas e planejadas as atividades que serão promovidas durante o período, como cursos, oficinas, mutirões e outras atividades realizadas pelo *Mutirão Ciranda*.

Atualmente, o grupo contempla três projetos:

- **Difusão e aperfeiçoamento de técnicas agroflorestais na Zona da Mata mineira, Parte IV.** (Pibex 2012). Esse projeto contempla e organiza todas atividades realizadas pelo do Grupo Apêti.
- **Recuperação da cultura ameríndio-africana da Zona da Mata mineira**, projeto de extensão e cultura iniciado no ano de 2012 e que atualmente está em seu segundo ano de atuação (Procultura 2011 e 2012).
- **Sistemas agroflorestais e Agroecologia como ferramentas de reintegração socioambiental de jovens da Casa de Acolhimento de Viçosa – MG.** Projeto de extensão aprovado pelo Pibex 2011, atualmente não conta com financiamento. No entanto, está ativo voluntariamente.

Descrição dos projetos contemplados:

*Recuperação da cultura ameríndio-africana da Zona da Mata mineira*



O projeto surge no contexto do Grupo Apêti de Agrofloresta, com o intuito de fazer a recuperação cultural de objetos, artesanatos, alimentos e hábitos presentes nas culturas dos povos originários, ao que estamos denominando *ameríndio-africanos*, para que possamos então apreendê-las, inseri-las e reinseri-las ao cotidiano da população rural, de estudantes e professores da Zona da Mata mineira, focando no desenvolvimento e aprimoramento da Agroecologia. No contexto agroecológico, essa recuperação cultural é de suma importância, pois, além de alimentar a conexão do ser humano com a terra e com sua cultura, recupera ferramentas fundamentais para a sustentabilidade de comunidades.

A recuperação da cultura ameríndio-africana vem sendo feita através de pesquisas etnobotânicas dos saberes da população rural, para que se tenha, então, um aprimoramento do manejo agroecológico nas propriedades das comunidades rurais. Fomentam-se, assim, os padrões culturais e a identidade da população local, juntamente com o aprofundamento do conhecimento e da utilização das plantas de potencial uso na região. A ideia é aproveitar os saberes e fazeres dos agricultores para que estes sejam autores da recuperação. Periodicamente, são realizadas oficinas, trocas de saberes e rodas de história.

Na Zona da Mata mineira, existem diversas famílias que utilizam as práticas agroecológicas para produção de alimento e geração de renda, possuindo um enorme conhecimento sobre a terra. Essas práticas agroecológicas e conhecimentos ancestrais são essenciais para o enriquecimento do projeto. Diversos agricultores da Zona da Mata mineira carregam em sua descendência a sabedoria dos índios Puris, de origem Jê, que tiravam seu sustento das matas. Durante o ano de 2012, houve consideráveis avanços no que tange o conhecimento cultural Puri, um exemplo é a recuperação da língua Puri.

No ano de 2012, o grupo teve a oportunidade de participar de uma feira de sementes tradicionais indígenas Mebengokre e realizar uma oficina de troca de saberes agroflorestais na Aldeia Moikarako (Kaiapó). Através de olhares da recuperação da cultura ameríndio-africana, nos aproximamos novamente da etnia dos Kaiapós e, assim, pretendemos prosseguir no ano de 2013, estreitando esses laços e realizando mais atividades em conjunto com os povos indígenas, como, por exemplo, oficinas de pintura indígena, artesanatos e beneficiamento de alimentos.

Os povos indígenas constituem, hoje, os últimos repositórios vivos de um saber acumulado durante milênios para a sobrevivência humana na floresta tropical úmida, nos



campos e cerrados. Parte desse vasto conhecimento foi herdada pelas populações rurais — caboclos, sertanejos, caipiras e caiçaras. Estas possuem informações preciosas sobre a diversidade biológica e as potencialidades resultantes para a captação de recursos naturais. Um estudo de Robert Carneiro demonstra que os Kuikúro utilizam 80% das árvores, arbustos e cipós para artefatos, transportes, alimentos, medicação, perfumes e cosméticos (RIBEIRO, 1985). O projeto vem com o intuito de recuperar essas conexões, para aumentar a qualidade e a beleza da vida, valorizando a identidade dos povos com suas culturas. Quando o ser humano se reconecta com a natureza, há um despertar de consciência que gera ânimo, vontade e beleza de viver. A participação efetiva de agricultores(as), donas de casa, crianças e estudantes no movimento agroecológico tem promovido o crescimento da autoestima na população, pois esse saber vem do povo, a população rural se reconhece nele. Conjuntamente com o crescimento da autoestima, temos tido resultados explícitos de inclusão social e geração de renda, através da observação e incentivo na produção de produtos já gerados nas propriedades, que pela Rede Raízes da Mata podem ser inseridos na lista de distribuição e vendidos para os consumidores.

Para o maior aprendizado sobre as culturas dos povos originários, foi criado, em 2012, o Grupo de Estudos Indígenas da UFV, uma iniciativa de estudantes de diversos movimentos sociais, professores e interessados no assunto, que viram a necessidade de maior debate e estudos aprofundados sobre a questão indígena. A Zona da Mata mineira tem uma demanda atual de pesquisas sobre essa temática, pois praticamente não há registros da história indígena na região e poucos resquícios deixados por essas etnias, existindo também vários descendentes que desconhecem suas origens. Recentemente, foram descobertas grutas contendo materiais e intervenções que comprovam a existência de indígenas na região ao longo da história, porém, ainda assim, têm sido pouco exploradas e analisadas. Esse tema tem também ganhado maior relevância nos últimos anos, não apenas pela importância dessas culturas para a valorização das raízes do povo brasileiro e no que tange a Agroecologia no Brasil, mas também pela implementação das cotas nas universidades, o que acarretará um número maior de indígenas tendo acesso ao Ensino Superior, incluindo a UFV. Isso torna maior a necessidade de conhecimento, reconhecimento e valorização dessas culturas — que acreditamos trazer saberes importantes que podem contribuir para solucionar diversos desafios da atualidade —, bem como aumenta a qualidade e a beleza da vida, prestigiando a identidade dos povos com suas culturas (Figura 4).



*Sistemas agroflorestais e Agroecologia como ferramentas de reintegração socioambiental de jovens da Casa de Acolhimento de Viçosa – MG*

A Casa de Acolhimento Esperança do Amanhecer é uma instituição sem fins lucrativos, preparada para prestar assistência à criança e/ou adolescente como uma medida de proteção prevista no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), e está como proteção social de alta complexidade, que deve ser adotada quando o vínculo familiar encontra-se rompido/fragilizado ou a criança/adolescente encontra-se em situação de risco, a ponto de ser necessário o afastamento provisório do convívio social. Tem como objetivo atender essas crianças e adolescentes, em sistema de moradia e cuidados assistenciais psicológicos e pedagógicos com foco no desenvolvimento de suas necessidades básicas. Não perde de vista a perspectiva de retorno familiar e inserção comunitária, além de oferecer oportunidades aos jovens que necessitem de um espaço protetivo com convivência harmônica e saudável com o resgate da autoestima e a construção de um projeto de vida com garantia dos seus direitos e deveres junto à sociedade.

Segundo Carvalho (2002), “Uma ideia bastante recorrente nesta perspectiva é a de que, embora todos os grupos sociais devam ser educados para a conservação ambiental, as crianças são um grupo prioritário. As crianças representam aqui as gerações futuras em formação”. Sendo assim, as crianças acolhidas na Casa, necessitam de atenção ainda mais prioritária, pois se encontram em uma situação complexa.

Nesse contexto, a Casa de Acolhimento recebe crianças dos municípios de Teixeiras, Pedra do Anta, Cajuri, Canaã, Coimbra, São Miguel do Anta, Paula Cândido e Viçosa, todos localizados na Zona da Mata mineira. Atualmente, a Casa acolhe por volta de vinte jovens, que se alimentam integralmente no local. Os alimentos são adquiridos por meio de licitação, não proporcionando a merecida e devida diversidade e qualidade. No entanto, a Casa possui um grande potencial para produção agroecológica<sup>1</sup> de alimentos, visto que dispõe de uma grande área externa com diversas espécies frutíferas e ornamentais. Entretanto, antes da atuação do Grupo Apêti, a área encontrava-se abandonada, visto que os acolhidos não demonstravam interesse e/ou não se apropriavam do local, além de a Casa não ter condições financeiras para contratar alguém para a manutenção. Diante disso, a



coordenadora da Casa, buscando solucionar o problema, entrou em contato com o Grupo Apêti, propondo a construção de um projeto que estabeleça uma relação de confiança e troca com os jovens, tendo como objetivo trabalhar valores e vínculos sociais com os acolhidos através do trabalho de revitalização do pomar da Casa e das hortas sucessionais e de atividades de integração dentro da temática agroecológica.

O projeto objetiva difundir pensamentos e práticas agroecológicas de trabalho em equipe, respeito ao próximo, ao ambiente e às crianças, de modo a oferecer um conhecimento prático e útil para o futuro da Casa e dos envolvidos, proporcionando um espaço de convivência social harmônica e saudável. Foi implantado em 2012 junto com as crianças e adolescentes um sistema agroflorestal com diversas espécies alimentícias (olerícolas e frutíferas), que serviram para alimentação dos próprios acolhidos, aumentando o valor nutricional de suas refeições e contribuindo para uma maior segurança alimentar. Foi implantada também uma composteira para o aproveitamento dos restos orgânicos da Casa. No trabalho educacional com a terra e com práticas agroecológicas, surgem problemas e desafios reais do dia a dia, tanto no âmbito social, visto que as atividades são praticadas em grupo, quanto no ambiental e educativo, sendo estes problemas posteriormente trabalhados em conjunto.

O trabalho com os jovens - inseridos em um contexto totalmente diferente da realidade acadêmica da UFV - e com a comunidade propicia um ambiente rico em descobertas, desafios e oportunidades, estimulando os estudantes a encontrar novos métodos de troca de conhecimento e ensino, algo não vivenciado no dia a dia da universidade. As atividades realizadas pelo projeto buscam integrar o ensino adquirido na universidade com as pesquisas e atividades realizadas pelo *Mutirão Ciranda* de modo a fornecer ao público-alvo informações e conhecimentos que podem conduzir a inclusão social, formação cidadã, segurança alimentar e educação ambiental.

O grupo Sauipe tem 8 anos de trajetória, trabalhado a permacultura na Zona da Mata de Minas Gerais. O grupo vem desenvolvendo atividades em projetos de extensão, ensino e pesquisa em diversas áreas do conhecimento, dentro dos princípios e técnicas da permacultura. É composto por estudantes de graduação e pós-graduação que se articulam com professores de diversos departamentos da UFV, tendo a interdisciplinaridade como uma de suas características.



Desde 2008, o grupo se integra ao Programa Teia de Extensão Universitária, da UFV, possibilitando maior interação com outros projetos de extensão e facilitando a articulação com comunidades rurais envolvidas com eles. O grupo tem construído as Trocas de Saberes juntamente com o Programa Teia na *Semana do Fazendeiro da UFV*. Nas Escolas Família Agrícola (EFAs) e em eventos acadêmicos de diversas instituições, ministra oficinas e minicursos de forma a construir o conhecimento coletivamente.

Atualmente, o grupo vem desenvolvendo atividades de extensão na área de saneamento ecológico no Assentamento Rural Olga Benário e em diversos municípios da Zona da Mata, em parceria com o CTA-ZM, além de se dedicar a experiências nas áreas de construção ecológica, sistemas agroflorestais, ecopedagogia, consumo consciente, cosmética natural e produtos de higiene e limpeza ecológicos. Recentemente, o trabalho com saneamento rural, em específico as fossas de evapotranspiração, foi reconhecido no *Prêmio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável*.

Construção de tecnologias sociais, promoção da permacultura e agricultura permanente, busca pela autonomia econômico-social e saúde para famílias agrícolas e urbanas da região são meios que o grupo vem buscando para alcançar a soberania popular. O grupo conta hoje com projetos financiados pela Cáritas Brasileira e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) com apoio do Programa Teia e do projeto Agroecologia de Saberes MDA/CNPq.

O conceito de *permacultura* surge no começo dos anos 1970 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, pautando-se nos estudos das culturas ancestrais sobreviventes com os avanços do conhecimento da ciência moderna, apoiada por um conjunto de princípios e éticas que exigem um repensar dos hábitos de consumo e valores pessoais. O projeto permacultural envolve o planejamento, a implantação e a manutenção de ecossistemas produtivos que visam a biodiversidade, a permanência e a estabilidade de ecossistemas naturais, proporcionando a integração harmoniosa entre os seres e a paisagem. Determinado isso, compreende-se a similaridade e complementariedade entre permacultura e Agroecologia, definida por Miguel Altieri (1989) como o estudo da atividade agrária do ponto de vista ecológico, tendo como unidade fundamental de análise o agroecossistema. Nele, estão incluídos tanto processos biológicos, fluxos energéticos e ciclos minerais quanto relações socioeconômicas.



## **Considerações finais**

A cada ano, o *Mutirão Ciranda* se renova e reinventa a sua dinâmica organizacional com base nos acúmulos gerados pelos processos de construção coletiva. Compreende-se, portanto, que o processo é mais rico e significativo do que o resultado em si, apesar de os resultados se mostrarem grandiosos.

Sabe-se que o histórico de organização em torno da Agroecologia em Viçosa é uma referência nacional, contribuindo para a formação de novos grupos e ações. O *Mutirão Ciranda* simboliza, assim, um ponto importante na grande rede brasileira da Agroecologia.

Vivências proporcionadas pelos grupos em seu aprofundamento em Agroecologia, seja em Viçosa ou não, têm garantido uma formação diferenciada para os estudantes que dela fazem parte. Além da formação ética e cidadã, as vivências proporcionam autonomia, autoconfiança, domínio da fala e da escrita e, ainda, um olhar crítico e investigativo. Esses atributos auxiliam na vida profissional, seja na facilitação de grupos, na extensão rural ou mesmo na academia.

Os sujeitos desse processo são educadores e aprendizes, pois, conforme provoca Freire (1977), no processo de aprendizagem só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido com o que pode, por isso mesmo reinventando-o; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Dessa forma, o *Mutirão Ciranda* vem aprendendo, ensinando e enraizando a Agroecologia pela Zona da Mata mineira, buscando uma reconexão do ser humano com a natureza, promovendo um despertar de consciência, que gera ânimo, saúde, vontade e alegria de viver.

## **Referências bibliográficas**

- ALTIERI M. A. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/Fase. 1989.
- BERTA, G. R. *apud* SUMA Etnológica brasileira, Petrópolis, 1987.
- CARVALHO, I. C. M: *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS. 2002



CARDOSO, I. M. *Caracterização de solos em uma pequena bacia de drenagem em Ervália (MG) e sua interpretação para uso agrícola*. 1993. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) – Departamento de Solos, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 1987

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p.

LEGAN, L. *A escola Sustentável – Ecoalfabetizando pelo Ambiente*. 2ª ed. Pirinópolis, São Paulo: 2007.

LANI, J. L. *Estratificação de ambientes na bacia do Rio Itapemirim, no sul do Estado do Espírito Santo*. 1987. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) – Departamento de Solos, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 1987

PEREIRA, J. R. & LITTLE, P. E. DRPE – Diagnóstico Rápido Participativo Emancipador: a base para o desenvolvimento sustentável dos assentamentos de reforma agrária. *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, Embrapa. 2000.



Figura 1: Quinta Agrocológica, com a temática Feira de Sementes Tradicionais Mebengokre.



Figura 2: Terça de Trocas.



Figura 3: Instalação Pedagógica dos grupos de Agroecologia durante o *IV Enga*, em Viçosa.



Figura 4: Dia do Índio: contação de histórias nas escolas municipais e estaduais no município de Paula Cândido.